

RESUMO

Com a intenção de conhecer a prática e a organização do trabalho das visitadoras do Programa Primeira Infância (PIS) no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), este estudo tem por objetivo compreender como elas concebem o brincar nas suas práticas. O lócus da pesquisa foi o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em Ibiassucê, estado da Bahia. As discussões apresentadas tomaram como base pesquisas bibliográficas em manuais do programa, no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e no Estatuto da Criança e do Adolescente, dentre outras. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, e os instrumentos da coleta de dados foram: questionário, análise documental das fichas preenchidas pelas visitadoras e o diário de campo. Percebeu-se o brincar, na concepção das visitadoras do PIS, como uma forma de aproximar as mães de seus filhos, fortalecendo o vínculo entre a criança e o cuidador. Além disso, foi possível entender que o brincar é um instrumento importante para o desenvolvimento da criança, pois possibilita identificar suas dificuldades motoras e cognitivas e, portanto, permite interferir e fortalecer o seu desenvolvimento. O PIS tem sido uma forma de mostrar às famílias do município de Ibiassucê a importância do brincar e também de ajudá-las a usufruir dos direitos que lhes são violados.

Palavras-chave: Brincar. Vínculo familiar. Infância. Crianças.

ABSTRACT

With the intention of knowing the practice and work organization of the visitants of the Early Childhood Program (PIS) in the Social Assistance Unique System (SUAS), this study aims to understand how they conceive playing in their practices. The locus of the research was the Social Assistance Reference Center (CRAS) in Ibiassucê, state of Bahia. The discussions presented were based on bibliographic research in program manuals, in the National Curriculum Reference for Early Childhood Education, in the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education and in the Child and Adolescent Statute, among others. The methodology was qualitative research, and the instruments of data collection were: questionnaire, document analysis of the forms filled in by visitors and the field diary. According to PIS visitors, playing was perceived as a way to bring mothers closer to their children, strengthening the bond between child and caregiver. In addition, it was possible to understand that playing is an important tool for child's development, as it makes it possible to identify their motor and cognitive difficulties and, therefore, allows them to interfere and strengthen their development.

PIS has been a way of showing families in the municipality of Ibiassucê the importance of playing and also helping them to enjoy the rights that are violated.

Keywords: Play. Family bond. Childhood. Children.

Submetido em: 22 de mai. 2020

Aceito em: 17 de dez. 2020

UM OLHAR PARA O BRINCAR NO “PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA” NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**A VIEW PLAY IN "EARLY CHILDHOOD PROGRAM" IN THE SOCIAL ASSISTANCE UNIQUE SYSTEM**

Adriana Trindade da Silva Fernandes¹ /
Patrícia Natália dos Santos Pereira¹ /
Larissa Monique de Souza Almeida Ribeiro² /
Sandra Alves de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) da cidade de Ibiassucê, estado da Bahia, juntamente com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), tem realizado um trabalho sustentado no Decreto n.º 8.869, de 5 de outubro de 2016, que lançou o Programa Criança Feliz, através do Programa Primeira Infância (PIS) no SUAS. Essa ação busca desenvolver atividades numa perspectiva acolhedora com crianças de 0 a 3 anos e com deficiência até os 6 anos de idade, no intuito de fortalecer os laços afetivos entre mães e filhos e o cuidador, considerando a família e seu contexto de vida.

De acordo com o *Guia para visita domiciliar*, 2.^a versão, de junho de 2017, o PIS no SUAS oferece brincadeiras, jogos, histórias e muita interação. O visitador não atua como um profissional que lida com a criança, mas como um agente que apoia os pais, ajudando-os a se comunicar de forma cada vez mais adequada com seus filhos e, no final de cada fase, avalia o impacto dessa interação. Mas, para que isso aconteça com êxito, antes um profissional e um supervisor fazem visitas nas casas de famílias que possuem vulnerabilidades sociais, conversam com essas pessoas e oferecem apoio, intencionando conquistá-las para o projeto, a fim de buscar uma melhoria em suas relações sociais e pessoais.

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Brumado, Bahia – Brasil

*E-mail para correspondência: saoliveira@uneb.br

As visitas domiciliares procuram reforçar o papel da família no aprendizado, na proteção e na educação das crianças na primeira infância. Esse projeto busca fortalecer uma trajetória de enfrentamento da pobreza, com diminuição de riscos sociais e desigualdades.

Trata-se de um programa com base em evidências científicas internacionais e no Brasil, e mostra que, quanto mais cedo se investe nesse desenvolvimento saudável e integral das crianças, melhor é o retorno para o ser humano e para a sociedade na qual está inserido. O foco é ajudar essas famílias a melhorar seu relacionamento, por meio de metodologias específicas do programa e de profissionais capacitados que irão dialogar com os pais ou responsáveis para que esses, futuramente, possam estimular essas crianças a um futuro melhor.

O PIS é considerado um programa intersetorial, pois é coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), mas firma parcerias com o Ministério da Educação (MEC), o Ministério da Saúde (MS), o Ministério da Cultura (MC) e, ainda, o dos Direitos Humanos. O MDS capacitou multiplicadores estaduais, e estes, por sua vez, capacitaram os supervisores municipais, que formaram os visitantes.

De acordo com o manual dos supervisores e orientadores (BRASIL, 2017a), o reforço positivo dessas famílias será realizado através de conversa com as mães e com os responsáveis, incentivando o brincar de forma simples e com objetos que elas encontram em casa, mostrando que não é necessário comprar brinquedos caros, pois podem construí-los com materiais reciclados. São também indicadas leituras de histórias infantis, conversa com a criança durante o banho e a

amamentação, gestos de carinho e músicas.

Esta pesquisa surgiu a partir das inquietações pessoais afloradas na primeira e na segunda autoras deste trabalho durante as aulas do componente curricular Infância e Educação Infantil, cursado na licenciatura em Pedagogia. Ali percebemos que durante muito tempo a infância passou despercebida pela sociedade, pois as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Essa ideia inicial foi alimentada pelo surgimento do Programa Primeira Infância no SUAS, na cidade de Ibiassucê, que trata de garantir direitos às crianças, para que vivam sua infância de forma feliz.

No primeiro momento em que as pesquisadoras decidiram realizar esta pesquisa vieram as lembranças de como sua infância foi sofrida, porém, mesmo com as dificuldades financeiras de suas famílias, nunca deixavam de brincar. Inventavam os brinquedos, e tudo que encontravam à frente era uma forma de diversão. Apesar de não terem possuído brinquedos caros, viveram a infância de forma digna. Às vezes, precisavam ajudar os pais na roça para colaborar nas despesas de casa. Nada era fácil, viviam na simplicidade, e tudo era motivo de alegria.

Essa concepção do brincar vivida por nós, como pesquisadoras, aproxima-se da visão adotada pelo Programa aqui abordado, responsável pela orientação adotada pelas visitadoras envolvidas neste relato.

Para compreender como as visitadoras do Programa Primeira Infância no SUAS concebem o brincar nas suas práticas, este artigo destaca as concepções do trabalho das visitadoras, com a intenção de conhecer a sua prática e a organização do trabalho neste programa, no município de Ibiassucê-BA.

Neste trabalho, buscamos contribuir com o nosso campo de pesquisa, ao trazermos discussões fundamentadas teoricamente para fortalecer o trabalho das visitadoras do Programa Primeira Infância no SUAS, que acontece em um espaço não formal. Sendo assim, apresentamos para a Universidade a oportunidade de pensar de forma epistêmica o brincar ainda na primeira infância.

REFLEXÕES SOBRE O “PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA” NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Este projeto tem caráter intersectorial, ou seja, envolve várias políticas públicas, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, considerando sua família e seu contexto de vida. Sendo assim, o Criança Feliz agrega as políticas de assistência social, educação, cultura, saúde, direitos humanos, direitos da criança e do adolescente, entre outras, tendo sua coordenação na Secretaria Nacional de Promoção do Desenvolvimento Humano (SNPDH), do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).

Com base em pesquisas realizadas em documentos e manuais do programa Primeira Infância no SUAS, percebemos que o diferencial desta política pública em nosso município é levar o brincar até os lares das crianças beneficiadas pelo programa, as quais, por não possuírem brinquedos em razão das condições financeiras da família, são levadas pelo programa a perceber o real valor do brincar, nas ações das visitadoras com as mães e seus filhos durante os encontros.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), a função

sociopolítica deve oferecer às crianças e suas famílias recursos para que elas possam usufruir de seus direitos. Isso leva as famílias a assumirem suas responsabilidades no cuidado dos seus filhos, a compartilhar o convívio com as crianças e os adultos, a ampliar novos saberes e conhecimentos nos diversos espaços. Dessa forma, promovem oportunidades educacionais com as crianças de diferentes classes sociais, que vivem sua infância em espaços diversos.

Um dos objetivos que mais nos chama a atenção dentro do programa é “estimular o desenvolvimento integral da criança na primeira infância, em situação de vulnerabilidade e risco social, fortalecendo vínculos familiares e comunitários” (BRASIL, 2017b, p. 11). Ele nos convida a refletir acerca das ações realizadas na primeira infância, pelas quais se responsabilizam não só a ação social presente no município, mas também a família, considerada um bem maior em todos os segmentos sociais.

Pretende-se, com a atuação do PIS, identificar outros problemas presentes nas famílias e encaminhá-las ao CRAS. Este possui profissionais preparados para fazer a gestão da Proteção Social Básica, ou seja, mobilizar e articular o acesso das famílias ao SUAS.

Seu público alvo são gestantes, crianças de até 3 anos que são beneficiárias do Programa Bolsa Família e crianças de até 6 anos e suas famílias beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada, que é garantido às pessoas com deficiência de qualquer idade, com o objetivo de assegurar a igualdade de condições com as demais pessoas. Também fazem parte do programa crianças de até 6 anos afastadas do convívio familiar em razão da aplicação de medida protetiva prevista no

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

As medidas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, art. 101, inciso IV, 1990) buscam realizar “inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família, da criança e do adolescente (Redação dada pela Lei n.º 13.257, de 2016)” (BRASIL, 2017c, p. 67). A adesão a novas formas de inclusão através das leis e dos decretos busca o desenvolvimento das crianças, e faz-se necessário incluir as famílias em programas beneficiários, oferecendo condições para que os pequenos tenham direito – e usufruam dele – a uma vida saudável e com recursos que garantam uma qualidade de vida estável em igualdade com as outras famílias.

Como o município de Ibiasucê não tem condições de incluir no programa todas as crianças, adotou alguns critérios de priorização para acolher a família: baixo peso ao nascer, baixa escolaridade materna, uso de álcool e outras drogas, depressão materna, gravidez na adolescência, entre outros. Busca-se apoiar as famílias no combate aos fatores e às situações que possam interferir de forma negativa no desenvolvimento integral da criança.

Nos espaços familiares e educacionais desenvolvem-se ações do brincar, da brincadeira e do brinquedo, valorizando as experiências do grupo participante do programa com essas atividades em seu percurso formativo. A esse respeito, é importante compreender as concepções e as contribuições das brincadeiras e dos brinquedos no ato de brincar.

CONCEPÇÕES TEÓRICAS E CONTRIBUTOS ACERCA DA TRIÁDE: BRINCAR, BRINCADEIRA E BRINQUEDO NOS ES-

PAÇOS EDUCACIONAIS E FAMILIARES

Brincar é uma ação na qual a criança interage com o mundo e também com o adulto, responsável por interagir com a criança, fazendo com que ela descubra o que está ao seu redor. Segundo Brougère (1998), o brincar não é algo que nasce com o indivíduo, pois é uma atividade apropriada socialmente e, assim como as outras necessidades da vida, precisa de aprendizagem.

É, portanto, uma forma de dar voz e oportunidade às crianças para interagirem com quem estão brincando. O elo afetivo faz com que elas se aproximem das pessoas que as cercam. Brincar faz com que a criança desperte de forma curiosa, explorando o mundo através dos sentimentos e das experiências diárias do seu cotidiano. E o trabalho das visitadoras é um incentivo para esse brincar.

Para Brêtas (2006), na criança, são múltiplas as habilidades do ato de brincar – desde a motora, a cognitiva, a psicoafetiva, a criatividade, até a percepção e a expressão da sua vivência em sociedade. O brincar possibilita à criança uma relação com os demais pares sociais, além da diversão e do bem-estar; ajuda-a a aprender a função das coisas e a perceber que ela própria pode fazer funcionar as ações.

Assim, os adultos precisam oferecer brinquedos que tenham sempre um grau de dificuldade, mas não sejam muito simples ou complexos, apenas incentivem a criatividade e não sirvam de frustração para a criança. Brêtas (2006) considera que o brincar não só repercute na vida adulta, mas é um direito da criança. E traz sugestões de brinquedos presentes nos lares, como a água, a terra, o tecido, as caixas de papelão, dentre outros, que podem ser

escolhidos em função da idade da criança.

Também em relação ao brincar, Kishimoto (2010, p. 1) destaca: “A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos”. Os pais devem brincar com seus filhos desde quando esses são ainda bebês, para que eles cresçam vendo o brincar como algo importante para seu desenvolvimento e aprendizagem. Ao adentrar nas brincadeiras com os filhos ou mesmo com outras crianças, o adulto percebe como a infância é um período do desenvolvimento das crianças, cheio de descobertas e anseios. Nessa dinâmica, a autora convida pais e educadores da primeira infância a refletirem acerca do brincar, encarecendo-o de forma mais séria e responsável, uma vez que o brincar é aprendido e/ou apropriado na participação ativa com o outro, com a natureza e os animais.

O saber brincar faz toda diferença na vida das crianças. Para a educação dos pequenos, tanto em casa quanto nas instituições de ensino, é importante a presença da brincadeira. Ademais, a escolha do brinquedo deve ser pensada, pois, para cada faixa etária, há brinquedos adequados, sendo preciso cuidado na hora de escolher.

Kishimoto (2010) descreve que, ao manusear um brinquedo, a criança desperta sua curiosidade através da exploração dos objetos. No momento em que leva o brinquedo até a boca, por exemplo, ela consegue perceber a textura: mole, duro, pesado ou leve. Isso mostra o quanto ela se encanta, ao descobrir sozinha aquilo que ela mesma conseguiu apalpar.

O primeiro brinquedo da criança são os pais. É preciso que eles deixem um tempinho do seu dia para realizar atividades lúdicas com seus

filhos. O prazer em estar junto da família leva os pequenos a perceberem como são importantes para os adultos.

As instituições de ensino formais e não formais precisam ver o brincar como algo importante para as crianças. Ao brincar, elas se desenvolvem e conseguem aprender de forma prazerosa. Alguns estabelecimentos de ensino ainda deixam a desejar sobre o brincar, pois desconsideram que não basta apenas oferecer o brinquedo, e é importante problematizar e explorar a criatividade da criança.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Por nos permitir ir a campo, a pesquisa qualitativa nos possibilitou conhecer o ambiente de pesquisa e os sujeitos pesquisados. De acordo com Barros e Lehfeld (2001), o investigador, na pesquisa de campo, assume a função de observador e explorador, e recolhe diretamente as informações no local (campo) em que se deram ou surgiram os acontecimentos.

Ela nos possibilitou conhecer o local de trabalho, aproximar-nos dos pares participantes da pesquisa, ampliar nosso olhar em direção ao programa Criança Feliz em relação ao brincar, e auxiliou no processo de coleta de dados. Segundo Gonsalves (2001), a pesquisa de campo é um tipo de investigação que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do investigador um encontro mais direto no lugar onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e o agrupamento dos dados a serem documentados.

Entretanto, foi necessária também a pesquisa documental, em que analisamos as fichas preenchidas pelas três pesquisadoras no decorrer das suas

visitas. Essa etapa de análise nos permitiu produzir ou reelaborar informações e designar novas formas de compreensão dos dados. Para Bardin (2011, p. 51), “a análise documental permite passar de um documento primário (bruto) para um documento secundário (representação do primeiro)”. Ou seja, ao analisar os dados coletados, realizamos uma interpretação daquilo que foi analisado e coletamos informações importantes neste trabalho, o que nos possibilitou constituir categorias relevantes para nossa análise.

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Referência a Assistência Social (CRAS), em Ibiassucê. Escolhemos esse espaço por ser o local de produção das oficinas e dos encontros das pesquisadoras com a supervisora, e ideal para o encontro, por ser o ambiente de trabalho delas e também por nos dar o privilégio de conhecer nosso campo de pesquisa.

As participantes da pesquisa foram três pesquisadoras e uma supervisora do Programa Primeira Infância no SUAS, todas do sexo feminino, na faixa etária de 23 a 40 anos. Duas das pesquisadoras concluíram o ensino médio, a outra estava cursando o ensino superior no período da pesquisa, e a supervisora, formada em direito, já era atuante. Escolhemos essas participantes para a pesquisa, a fim de buscarmos respostas para o objeto de trabalho. Sendo elas as fontes de informações que estávamos investigando, possibilitaram-nos conhecer e entender melhor a importância do seu trabalho no município e aquilatar o quanto o brincar tem sido importante nas suas práticas.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) nos autorizou a incluí-las na pesquisa. Todas assinaram e apresentaram interesse

pelo trabalho. Não tivemos nenhuma dificuldade.

O desígnio da pesquisa permitiu que elas relatassem um pouco mais sobre o brincar no Programa Primeira Infância no SUAS e sobre o modo como acontecem as visitas e a participação das famílias durante os encontros. Para as participantes da pesquisa não haveria problema em destacar seus nomes no decorrer do trabalho. Assim, utilizamos os nomes verdadeiros: Célia, Veronice, Jurema e Suzana.

Ao analisarmos os questionários, o diário de campo e também as fichas preenchidas pelas visitadoras, utilizamos a análise de conteúdo para descrever o conteúdo pesquisado, o que nos ajudou a processar as informações coletadas, facilitando nosso trabalho de interpretação e compreensão.

A análise dos dados está fundamentada nos pressupostos da abordagem qualitativa. Para obtenção e interpretação dos dados, aplicamos a análise de conteúdo, pois, segundo Bardin (2011, p. 50), “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. É uma busca de informações através de outros fatos que são interpretados e alcançados.

Esse tipo de análise abrange todos os dados coletados que temos em mãos: as percepções e as interpretações do local da pesquisa registradas no diário de campo, os questionários e os documentos preenchidos pelas visitadoras. Nessa perspectiva, pudemos dar sentido de forma mais explícita e explicativa dos resultados da pesquisa.

Para facilitar a leitura e a interpretação dos dados, utilizamos categorias relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. A análise categorial é uma das técnicas utilizadas na realização da análise de conteúdo, sendo uma ferramenta útil para o trabalho, a qual pos-

sibilita chegar ao objeto de pesquisa e ao que foi pesquisado.

Na busca de resultados para a pesquisa, utilizamos um questionário e analisamos três relatórios produzidos pelas visitadoras. Também como suporte, utilizamos o diário de campo. Ao construirmos o questionário, empregamos perguntas que nos permitiram chegar ao objeto de pesquisa e ter a melhor compreensão sobre ele. Diante disso, selecionamos as respostas que atendessem os nossos objetivos e as dividimos em categorias: o brincar, as brincadeiras, o vínculo familiar, o planejamento das visitas, o perfil das visitadoras. Para Bardin (2011), ao realizar um sistema de categorias, a margem de interpretação pessoal alarga-se e deve ser bem controlada por um trabalho de equipe, reunindo resultados alcançados. Chegar a essas categorias facilitou a interpretação dos dados coletados com o contexto do ambiente de trabalho das participantes da pesquisa.

O espaço em que elas realizaram a confecção dos brinquedos é amplo e arejado, com uma mesa grande para que possam se locomover durante a construção dos brinquedos. No dia 5 de outubro de 2018, Célia e Jurema estavam confeccionando um jogo a que deram o nome “Passa fita para descobrir os números”. Além da criatividade, observamos o empenho e o interesse em produzi-lo. Enquanto isso, Veronice e Suzana embrulhavam brinquedos que o programa adquiriu para presentear as crianças beneficiadas pelo programa no Dia das Crianças.

Ficamos esperando o momento em que elas estivessem disponíveis. Logo que terminaram suas atividades, servimos o lanche e, em seguida, passamos à resolução das questões do questionário. Duas das visitadoras,

Veronice e Jurema, e a supervisora Suzana entregaram o questionário no mesmo dia. Já Célia precisou sair um pouco mais cedo e pediu para entregar o questionário na semana seguinte.

Tivemos uma boa impressão do espaço, o qual consideramos arejado e acolhedor, muito procurado pela população. O CRAS é importantíssimo para a população de Ibiassucê, pois é uma porta aberta àqueles que se encontram em situação vulnerável.

O QUE REVELAM OS RELATÓRIOS PRODUZIDOS PELAS VISITADORAS

A partir da análise dos relatórios, realizamos uma descrição dos dados obtidos pelas três visitadoras do Programa Primeira Infância no SUAS, em relação aos cuidados das mães e dos cuidadores com seus filhos e os aconselhamentos das visitadoras com seus responsáveis.

Analisamos 3 fichas, cada uma contendo 4 relatórios, totalizando 12; e 3 pareceres da supervisora. Foram acompanhadas 3 crianças, e cada ficha descrevia o acompanhamento de 4 visitas a elas realizadas pelas profissionais.

De acordo com a análise, a visitadora Jurema realizou quatro visitas a uma família durante o mês de junho de 2018, sendo uma a cada semana. A criança tinha 1 ano e 6 meses, possui residência na zona urbana e durante todas as visitas estava aos cuidados da mãe.

Na primeira semana, a visitadora conversou com a mãe, mostrando figuras de livros e brincando com a criança de esconde-esconde. Assim, além de estimular o aprendizado da criança, também desenvolve o brincar com a família, auxiliando no que for necessário para fortalecer um ambiente

de afeto. Na segunda visita, na segunda semana, a visitadora contou a história dos três porquinhos, em que fez as casinhas e os porquinhos para encenar. Relatou que o menino é muito desenvolvido e que ela, visitadora, incentivou a mãe a contar a história para ele.

Na terceira visita, levou uma folha com desenhos para colorir. A mãe ressaltou à visitadora que a criança é muito esperta. Conversando com a mãe, a profissional pediu para que ela ajudasse sua filha a identificar os nomes das pessoas e dos objetos de montar. Na quarta e última visita do mês, levou novamente uma folha com desenhos para pintar com a ajuda da mãe e reforçou mais uma vez o canto de músicas e a contação de histórias.

As visitadoras se empenham em levar brincadeiras diversas e adequadas à idade de cada criança. Ao relatar sobre as visitas, mencionam a faixa etária e aconselham as mães a realizar atividades adequadas à idade da criança. Dentre elas, olhar nos olhos da criança e falar com ela durante a amamentação, movimentar braços e pernas, brincar de chocalho, sorrir com o bebê, imitar sons e gestos, ajudar a manusear o brinquedo, dentre outras interações, com a presença da mãe. O brincar é uma forma de ampliar a oportunidade de aprendizado por parte dos pequenos e fortalecer ainda mais o vínculo de amor e carinho, em relação tanto à mãe quanto aos filhos.

Dessa forma, as visitadoras desenvolvem um papel significativo e oportuno nas famílias, pois garantem às crianças, no mínimo, a segurança de brincar na companhia da mãe durante 45 minutos, pelo menos uma vez por semana. No entanto, se as visitadoras compreendem bem o que realizam com as famílias, é também uma forma de garantir que as mães atendidas pelo Programa Primeira Infância tenham

um amplo conhecimento sobre o valor do ato de brincar na vida de seus filhos, uma vez que ajuda a intensificar a luta pela construção do vínculo afetivo, o acesso à emancipação e o fortalecimento das famílias.

Portanto, a família funciona como um espelho para os seus filhos, uma vez que os valores são adquiridos por meio do testemunho de seus pais, contemplando, assim, exemplos bons e ruins. O comportamento dos filhos são reflexos da realidade de suas famílias, e seus modos refletem seus padrões de vida.

De acordo com o manual dos supervisores e orientadores (BRASIL, 2017a), o visitador do PIS é um profissional que deve ter pelo menos o ensino médio completo, fazer visitas nas casas das famílias atendidas pelo programa, orientar as famílias e apoiar os pais ou cuidadores, fortalecendo o vínculo afetivo e o desenvolvimento da criança por meio do brincar.

Para que as famílias possam aliar-se ao programa, dependerá da sua conscientização da importância dele para seus lares. A fim de acelerar essa integração, os profissionais explicam o funcionamento do programa e os benefícios que ele pode oferecer. Esse momento é de extrema importância, uma vez que os pais não são obrigados a participar de nada. A conversa deverá ser cuidadosa, valendo-se da calma e da ética, para acontecer a conquista da família, afim de que percebam o quanto o programa Criança Feliz é importante para o fortalecimento dos laços familiares.

De acordo com Moyles (2002, p.178), “a interação requer que o adulto goste de brincar com a criança e valorize isso”. Ao orientar os pais ou responsáveis para que realizem as atividades lúdicas com seus filhos, o visitador observa a intermediação do

adulto nas brincadeiras com as crianças, a forma como essas intervenções colaboram com a personalidade das crianças e o que tem evoluído durante os encontros.

O programa tem apresentado benefícios relevantes para o município. Passou-se a conhecer as famílias e suas situações de vulnerabilidades sociais. Proporcionou-se às famílias não só o resgate de brincadeiras e brinquedos com matérias reutilizáveis, mas também a ressignificação da forma de dar afeto a seus filhos, proporcionando momentos especiais através do brincar. Mostrou-se às famílias que não precisam de muita coisa para confeccionar para seus filhos um brinquedo que não têm condições de comprar.

O programa, além de oferecer o brincar como elo de aproximação, ajuda a criança a se desenvolver, tendo a presença da mãe por perto. Além de contribuir com o vínculo familiar, garante às famílias direitos, dentre eles sua participação no Programa Primeira Infância no SUAS, ajudando a sanar algumas dificuldades nas famílias, oferecendo-lhes a oportunidade de procurar ajuda através de programas oferecidos pelo governo.

Para Moyles (2002, p.166), “assim como a aprendizagem, o brincar ocupa uma posição recreativa para os adultos e as crianças”. É visível na fala do autor que, ao brincar com a criança, o adulto passa a ser visto como algo de extrema importância na vida dos pequenos e na sua própria. Ao brincar com os filhos, os pais estão construindo o vínculo afetivo, trazendo o lazer como uma forma de se divertir com eles.

Para Kishimoto (2010, p. 10), “a mediação do adulto durante a brincadeira é essencial para a autonomia e auto-organização da criança”. Com efeito, a presença do adulto durante o

brincar da criança mostra como a criança se torna um ser ativo e participante no convívio social, dentro de um contexto familiar envolvido no elo de amor e carinho entre os pais, os filhos e os cuidadores.

Considerando a importância que as brincadeiras têm na vida das crianças e de suas famílias, as visitadoras apresentaram as brincadeiras e as atividades mais utilizadas por elas durante os encontros. Para as visitadoras, os jogos educativos, os desenhos para colorir, os quebra-cabeças e os brinquedos de empilhar são os mais utilizados por elas nas visitas. São os que as crianças mais gostam. Diante disso, é evidente que os brinquedos apresentados e confeccionados nas oficinas levaram às crianças a alegria e a diversão pelos brinquedos.

Esses são elaborados com reaproveitamento de materiais reciclados e também com materiais adquiridos pelo programa. Esse aproveitamento de materiais parte da proposta do programa, para que as mães possam construir com os filhos seus próprios brinquedos, uma vez que, os pais não podem comprá-los, porém podem reaproveitar os artefatos que já possuem em casa e o que está disponível na natureza.

De acordo com Maluf (2009, p. 12), “seria interessante trabalhar com as crianças ora com atividades em que cada uma brincasse livremente, ora com atividades dirigidas, mas, em nenhum momento, determinar padrões comportamentais ou julgá-las sobre o seu desempenho”. Diante dos argumentos da autora, é importante que as visitadoras e os cuidadores deixem as crianças à vontade para brincar, apenas apoiando e direcionando as brincadeiras.

A CONCEPÇÃO DO BRINCAR PARA AS VISITADORAS DO “PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA” NO SUAS

O brincar vem sendo cada vez mais reduzido dentro das famílias, por não terem conhecimento sobre sua importância e por acharem que as brincadeiras não contribuem para o desenvolvimento das crianças. Por meio do programa PIS, são disponibilizados profissionais capacitados para realizar visitas, levando o brincar até as famílias, mostrando sua importância. Quando questionadas, as visitadoras destacaram:

O brincar é muito importante para o desenvolvimento da criança, e para aumentar o vínculo entre a criança e o cuidador. (Jurema, questionário, out. 2018)

O brincar é muito importante desde a gestação, é aconselhável a mãe conversar, cantar, e demonstrar muito carinho e amor com o bebê, ele precisa saber que já é bem amado desde antes de nascer. (Veronice, questionário, out. 2018)

Uma brincadeira ajuda a entreter, distrair a criança com tipos de jogos para o desenvolvimento com a criança. (Célia, questionário, out. 2018)

O brincar é essencial para o desenvolvimento da criança. A criança apreende brincando. (Supervisora Suzana, questionário, out. 2018)

Estão explícitas nas falas das visitadoras e da supervisora as suas compreensões acerca da relevância do brincar na infância para a formação dos pequenos, para a construção do vínculo familiar e como lazer. O incentivo aos pais também é importante para a formação das crianças, pois, mesmo antes de nascerem seus filhos,

as mães já precisam conversar com eles, estimulando-os a desenvolver-se de forma saudável, criando vínculo com os pais e com as pessoas que estão próximas.

De acordo com os relatos estabelecidos pela visitadora Veronice: “*Acho importante o brincar porque a criança que brinca tem uma infância feliz se torna um cidadão de bem*” e pela supervisora Suzana: “*O brincar é importante, através dele estimulamos ao desenvolvimento da criança, criamos o fortalecimento de vínculo entre a criança e o cuidador*”, o brincar é importante no contexto das famílias beneficiadas pelo programa. Através do brincar busca-se levar as crianças a viverem sua infância de forma feliz. O fortalecimento de vínculo entre a família e a criança a faz crescer confiante e tornar-se um cidadão de bem para a sociedade em que vive. Para as visitadoras Célia e Jurema, o brincar passa a ser visto como uma influência positiva no desenvolvimento da coordenação motora e na aproximação das mães com os filhos, por darem mais atenção às crianças.

Segundo Santos (2008), o brincar é algo exclusivo do ser humano, independente da cultura ou da classe social. Todas as pessoas brincam ou já brincaram alguma vez na vida e, uma vez que isso ocorre, jamais será esquecido, mesmo com o passar do tempo.

Ao relatar sobre o vínculo familiar durante as visitas através do brincar, as profissionais declaram: “*Nas minhas visitas as mães sempre dão carinho e atenção para a criança, elas sempre brincam e conversam com o filho*” (Veronice). “*O vínculo família, algumas dão mais atenção no brincar, outras falam que não têm tempo para tá dando atenção as crianças*” (Jurema). “*A brincadeira com as crianças é*

uma forma de união na família, ocasionado o vínculo familiar” (Célia).

É perceptível na fala das visitadoras que o brincar durante as visitas proporciona às mães darem mais atenção aos seus filhos. Durante as visitas, as mães realizam as atividades com as crianças e, mesmo não tendo o tempo necessário naquele momento, deixam o que estão fazendo para ter o momento lúdico com os filhos. Dessa forma, as brincadeiras realizadas trazem a aproximação entre mães e filhos ou com seus cuidadores. Nas visitas, é recomendado que as profissionais orientem os pais a participar das brincadeiras com os filhos, a dar a eles mais atenção e proporcionar momentos de prazer, mostrando aos pequenos que a presença dos pais no seu desenvolvimento faz toda diferença no seu crescimento.

Para Kishimoto (2010, p. 10), “a mediação do adulto durante a brincadeira é essencial para a autonomia e auto-organização da criança”. Diante disso, a presença do adulto durante o brincar da criança mostra como a criança se torna um ser ativo e participante no convívio social, dentro de um contexto familiar envolvido no elo de amor e carinho entre os pais, os filhos e os cuidadores.

Ao realizar as atividades lúdicas com os filhos, as visitadoras Célia, Jurema e Veronice relatam: “Durante as visitas as mães acabam se relacionando mais com os filhos e com o desenvolvimento dos mesmos. São bastante objetivas e as atividades trabalhadas são bem desenvolvidas com a presença de um adulto por perto” (Diário de campo, out. 2018).

Após conversar com as profissionais acerca da sua aceitação nos lares, Célia e Veronice relataram:

Houve apenas dois casos de rejeição. O primeiro deles foi porque a mãe trabalhava o dia todo fora e quase não ficava em casa, já o segundo, era uma gestante, e o motivo foi por causa de política. A família era de um partido político e não aceitou a presença da visitadora por falta de conhecimento e por achar que ela poderia interferir nas decisões da família. No mais, elas consideram bem aceitas aos lares e as famílias já a veem como integrantes das mesmas, pois quando não há visitas elas já sentem falta e perguntam o porquê de não terem comparecido. (Diário de campo, out. 2018)

Foi atendido pelas visitadoras um total de 100 famílias, sendo atribuídas para Célia e Jurema 33 para cada uma, e para Veronice, 34, incluídas crianças e gestantes. As famílias atendidas são de áreas urbana e rural.

No decorrer do trabalho vimos que o brincar está relacionado a uma vivência social e cultural, levando a criança a usar sua imaginação, recriar brincadeiras ensinadas pelos adultos e usar artefatos adquiridos. Ao brincar, a criança exercita suas potencialidades e sensibilidades, adquirindo conhecimento e desenvolvendo-se socialmente. Na brincadeira a criança não apenas se diverte, mas, através do brincar, ela constrói conhecimento, sendo feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidimos realizar esta pesquisa tivemos a pretensão de compreender como as visitadoras do Programa Primeira Infância no SUAS – lançado pelo Decreto n.º 8869, de 5 de outubro de 2016, em que busca acolher crianças de 0 a 3 anos e com deficiência até aos 6 anos de idade – concebem o brincar nas suas práticas. Foi necessário esforço para que, apesar das angústias, dos desgastes e dos contra-

tempos, pudéssemos encaminhar os resultados desta pesquisa.

Entendemos que a família é uma instituição dotada de valores como o amor ao próximo ou ao outro, o respeito mútuo, a confiança plena, o cuidado com o bem-estar físico e mental das crianças. O período de 0 a 3 anos é de grande aprendizado na vida da criança e é também um momento em que elas passam a maior parte do tempo sob os cuidados da mãe ou de pessoas próximas da família.

Inferimos que o interesse é ocupar esse tempo com atividades do brincar, de forma criativa, para que os pequenos se desenvolvam em vários aspectos: sensoriais, motores, físicos, mentais, sociais. O núcleo familiar faz-se um espaço adequado para que as crianças evoluam.

O programa PIS foi pensado para apoiar essas famílias que, até algum tempo, assim como nós, não sabiam que o brincar é tão rico para a formação do ser humano. Com efeito, o brincar é algo tão óbvio, que acaba por passar despercebido – e por não o conhecermos – o potencial que as brincadeiras possuem, e os pequenos acabam por brincar pouco e sem a atenção adequada.

As visitadoras preparam atividades e brincadeiras com uma intenção pedagógica e as levam para brincar com as crianças, priorizando o apoio e a participação da mãe no processo. Antes de terminar a visita, elas aconselham as cuidadoras a desenvolver ou construir brinquedos com material reciclado. Observamos, nas falas das visitadoras, que elas estão sempre aconselhando as mães a oferecer sempre brinquedos adequados à faixa etária das crianças – brinquedos simples, que estão ao seu alcance e na natureza, como o próprio corpo, tecido, terra, entre outros.

O brincar com a participação do adulto ajuda a adquirir confiança e autonomia. Ao observar os pais em atividades, eles acabam por imitá-los. Ainda entendemos que o brincar precisa ser livre, sem imposições e os adultos devem apenas monitorar, para garantir o direito ao brincar de forma segura. E a ocorrência do aprendizado é só um detalhe.

O brincar é próprio da cultura da infância, e todos que estão nessa fase ou já passaram por ela brincam ou já brincaram, pois são momentos tão prazerosos, alegres e significativos que jamais são esquecidos e surtem efeitos até na vida adulta. Em alguns momentos nos vêm à memória flashes que tornam os momentos da infância tão desejáveis, que a impossibilidade de seu retorno nos traz por alguns instantes a melancolia.

Declaramos aos interlocutores desta pesquisa que o desenvolvimento e a escrita deste trabalho contribuíram para o fortalecimento do aparato teórico para as visitadoras, de forma a ampliar sua formação contínua acerca do brincar. Almejamos que elas continuem confiantes, para que possam continuar encorajando as famílias a brincar com seus filhos.

Ainda queremos, através dos teóricos já mencionados, despertar para o brincar na Primeira Infância como primordial para o fortalecimento de vínculos, desenvolvimento, aprendizagem e bem-estar nas mais diversas situações, tornando a cada dia mais possível as crianças viverem uma infância feliz.

Levando em consideração os argumentos apresentados desde o início deste trabalho e fundamentados no seu decorrer, concluímos, pelos dados oferecidos pelos pares participantes, que o brincar é significativo para o desenvolvimento infantil, principal-

mente na formação do vínculo familiar.

Na perspectiva de que as crianças representam o futuro de uma nação mais promissora, no embate por uma sociedade pacífica, habitável e igualitária para todos, sugerimos, neste trabalho, a necessidade de conhecer, discutir e fortalecer o brincar pelo viés de um novo olhar no trabalho das visitadoras do PIS.

Os programas socioassistenciais ainda se constituem uma forma mais abrangente, no sentido de acolher o povo que se encontra em uma situação desfavorável na sociedade individualista em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Promoção do Desenvolvimento Humano. **Criança Feliz**: guia para visita domiciliar. Brasília, DF: MDS/SNPDH, 2017a, 2ª versão.

BRASIL. **A participação do SUAS no Programa Criança Feliz**. Ministério do desenvolvimento social e agrário. Brasília, DF: 2017b. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/SUAS_no_CriancaFeliz.pdf. Acesso em: 14 set. 2018.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Versão atualizada. Rio de Janeiro: CEDECA, 2017c.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Cuidados com o desenvolvimento psicomotor e emocional da criança**: do nascimento a três anos de idade. São Paulo: Iátria, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar**: prazer e aprendizado. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOYLES, Janet. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Edu-
cação, arte e jogo**. 2. ed. Petrópolis,
RJ: Vozes, 2008.